



2º Simpósio Villa-Lobos Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos

São Paulo, 23 a 25 de novembro de 2012
ECA/USP

Missa São Sebastião: unidade, rapsódia ou engenho?

Marco Antonio da Silva Ramos¹

Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP/ masilvamos@gmail.com

Resumo: Textos sobre interpretação musical têm frequentemente sabor de ensaio. Ensaio como espaço do provisório. Este não foge a este perfil. Falar sobre Vila Lobos também tem quase sempre esse mesmo caráter. Pelo ainda pequeno volume de estudos sobre sua gigantesca obra, mas também pelas armadilhas musicais que ele deixa no caminho de seus intérpretes. O discurso é sobre meu processo de aproximação da Missa São Sebastião e a dificuldade que encontrei em construir um arco que a fizesse respirar como uma obra. Como abordar a imensa quantidade de novas ideias que, mesmo quando são transformações umas das outras, se apresentam como forte novidade, mercê de sua colocação no fluxo da obra? Tais dificuldades são resultado de uma complexidade ou de uma linearidade invisível? Esclarecer alguns desses aspectos, este o âmbito e o foco deste trabalho, que afinal das contas eu ensaio, mais como arte que comunicação.

Palavras-chave: Missa São Sebastião; análise para performance; Canto Coral; Villa-Lobos.

Mass São Sebastião: unity, rhapsody or ingenuity?

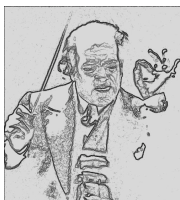
Abstract: Literature on musical interpretation often has a rehearsal² feel to it: rehearsal as the domain of the provisory. This text does not differ from that. Discussing Villa-Lobos usually leads to that as well, due partly to the still low volume of studies on his gigantic oeuvre, but also due to the musical traps he leaves in the way of his interpreters. The discourse I present is about my process of approaching the Missa São Sebastião and the difficulties I faced in building an arch that would give it artistic depth. How to address the immense quantity of ideas -- so many strong novelties, even when deriving from simple transformations, due to their placement in the overarching flow? Do such difficulties result from complexity, or do they result from an invisible linearity? The focus and scope of this text is to cast light on some of these aspects.

Keywords: Mass São Sebastião; analysis for performance; choral singing; Villa-Lobos.

Todo texto sobre interpretação tem sabor de ensaio. Pela afirmação sempre necessariamente provisória, mas também pela busca exasperada de chegar a um resultado bem acabado com o sentido mais definitivo possível em sua vida fugaz, quando será ultrapassado por nova interpretação. É parte do jogo. Falar sobre Villa-Lobos tem quase sempre esse mesmo caráter. Pelo ainda pequeno volume de estudos sobre sua gigantesca obra, mas também pelas armadilhas musicais que ele deixa no

¹ Agradecimentos a minha orientanda de Iniciação Científica, Mariana Trento, pela atualização e aprofundamento do levantamento dos "temas" do Gloria e do Credo citado neste trabalho.

² In Portuguese, the word "Ensaio" can mean both "Essay" and "Rehearsal".



2º Simpósio Villa-Lobos Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos

São Paulo, 23 a 25 de novembro de 2012
ECA/USP

caminho de seus intérpretes. Vou falar sobre meu processo de aproximação da Missa São Sebastião e a dificuldade que encontrei em construir um arco que a fizesse respirar como uma obra. Composta com a aparência de uma colcha de retalhos, interpretá-la não é uma fácil tarefa mesmo para regentes experientes como Cleofe Person de Matos ou Matthew Best. Há circunstâncias de tempo que não se explicam através das sugestões de andamento, há problemas na vocalidade, na colocação do texto, nas respirações que nos deixam preocupados no detalhe, a ponto de trazer enorme dificuldade em pensar a obra em seu todo, em fazer com que a memória a abranja de forma sintética e propositiva. Como abordar a imensa quantidade de novos temas que, mesmo quando são transformações uns dos outros, se apresentam como absoluta novidade, mercê de sua colocação no fluxo da obra? Tais dificuldades são resultado de uma complexidade ou de uma linearidade invisível? Por onde andaré São Sebastião?

Esclarecer alguns desses aspectos, este o âmbito e o foco deste trabalho, que afinal das contas eu ensaio, mais como arte que comunicação.

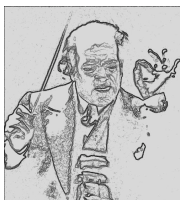
Meu trabalho em torno da *Missa São Sebastião* para vozes iguais de Heitor Villa-Lobos exemplifica bem um tipo de caminho, onde uma certa síntese chega de maneira intuitiva depois de um exaustivo período de análise e reflexão.

Eu passei muitos anos trabalhando na análise da obra, de 1994 a 2005. Meu primeiro contato, via partitura, havia me deixado curioso diante da beleza das idéias musicais em constante sucessão. A qualidade e a dificuldade do enigma proposto desfiaram-me intensamente. A própria edição Vitale, com visíveis problemas na indicação dos andamentos, aumentava o desafio (Villa-Lobos,1979).

Pedi à Biblioteca do Museu Villa-Lobos uma cópia dos manuscritos da Missa. Comparei-os detalhadamente, encontrei algumas das indicações desejadas.

Meus problemas eram dois:

- conseguir descobrir com clareza os andamentos das diferentes seções;
- conseguir uma visão de síntese da obra, algo que de algum modo a definisse, pois sua escrita, muito fragmentada, não me permitia



2º Simpósio Villa-Lobos Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos

São Paulo, 23 a 25 de novembro de 2012
ECA/USP

entrever intenções formais amplas ou mesmo elementos unificadores palpáveis;

Quanto às relações metronômicas dos andamentos, Susana Cecília Igayara (então responsável pelo trabalho de Pesquisa Musical do Studio Coral, vozes femininas), desenvolveu à época e depois ampliou em sua Dissertação de Mestrado uma leitura, através da bibliografia, depois ampliada no livro Anais dos Encontros de Musicologia de Ribeirão Preto, abordando os manuais e tratados teóricos mais utilizados no período da composição da missa, que foi permitindo que eu de fato me aproximasse de tempos mais realistas para a execução das partes.

A ordenação dos andamentos, do mais lento ao mais rápido, não é um total consenso entre os teóricos, e sofre variações dependendo da região geográfica e do Período em que são usadas. Consideramos, aqui, que a indicação dos andamentos é uma atribuição principalmente do compositor, às vezes dos editores, e que aos tratados Teóricos cabe registrar a prática comum de uma época e de um ou mais países ou regiões. Também é verdade que cada músico tem para si uma tabela de andamentos que, do ponto de vista de um compositor, acaba por formar um vocabulário pessoal, com preferências, ausências e decisões de como indicar sua intenção expressiva. Por outro lado, do ponto de vista do intérprete e do musicólogo, é importante lembrar que nem sempre aquele fundamento teórico que formou nossa visão dos andamentos coincide com a concepção teórica que fez com que o compositor decidisse por esta ou aquela indicação. É necessário, portanto, um trabalho de investigação acerca das possibilidades de uso da terminologia e da definição do sentido que elas possuem em cada contexto. (Igayara, 2009: 199)

Explicando melhor: as indicações de Villa-Lobos na Missa podem ser vistas à luz das diferentes correntes teóricas de época, recuperáveis nos tratados e manuais de então, sendo que em diferentes épocas certos tratados foram muito mais disseminados, praticamente dominando o ambiente. A posição do Adágio, por exemplo, muda na sua proximidade com o Lento e o Andante. O Allegro Assai e o Vivo frequentemente se confundem ou trocam de posição e Andantinos e Moderatos idem, entre outras possibilidades.

As frequentes mudanças de andamento contribuíam também para a força de identidade de cada nova ideia, assim como as mudanças de fórmula de compasso, o uso constante das quáteras e a presença de hemíolas, muitas vezes confundindo a percepção das fórmulas de compasso e a colocação do texto. Até mesmo as mudanças



2º Simpósio Villa-Lobos **Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos**

São Paulo, 23 a 25 de novembro de 2012
ECA/USP

de intensidade, frequentemente bruscas e associadas à aparição de novas ideias ou sub ideias, reforçaram sempre essa visão quase caleidoscópica da obra: durante boa parte do trabalho, o que eu via era uma espécie de colcha de retalhos, e apenas o estilo do contraponto parecia ser “o” elo, fraco demais, da unidade da obra.

Aqui vale dizer da clara influência do pensamento renascentista sobre a obra. Palestrina se faz presente tanto no contraponto cristalino quanto no estilo de seus motetos, que são construídos em sucessões de ideias novas conforme os diferentes trechos do texto, sendo o moteto um gênero sacro irmão do madrigal.

Tal procedimento, ampliado no barroco na forma cantata, pode por exemplo ser observado na criação de seções musicais de acordo com a divisão em seções do texto. O que orienta o processo composicional é a Teoria dos Afetos, sendo que cada mudança afetiva no texto corresponde a uma nova mudança musical que a expresse. Como disse, tal procedimento é empregado em todo o Período barroco, mas quero chamar atenção especial para a Missa em Si menor de Bach. Para Villa-Lobos, o verão (as férias) de 1936/37, está cravado na época do canto orfeônico e também das Bachianas Brasileiras, portanto a invocação da Missa em Si menor não é casual em meu raciocínio. Seja apoiado sobre Palestrina seja sobre Bach, fica sempre a questão: as novas ideias apresentadas sequencialmente não são tão fluidas e transparentes como no primeiro e nem tão grandes no tempo para de fato se constituírem em partes separadas.

O que chama atenção na Missa S. Sebastião é a importância e a força de cada nova ideia que, embora não se possa chamá-las de temas (por não se desenvolverem), cada uma delas têm quase sempre um potencial de tema muito forte. Alguns deles têm energia e riqueza material suficiente para sustentar obras de peso, fugas reais a muitas vozes, sinfonias, motetos temáticos, obras de câmara, etc. Tal intensidade dessas ideias me afastam - sem desprezá-las - das hipóteses de inspiração renascentista ou barroca. Tal inspiração está lá. Mas não explica tudo. Voltaremos a esta questão mais à frente.

Mesmo tendo tomado decisões apoiadas na pesquisa bibliográfica de Susana não conseguia armar um esquema para os andamentos que funcionasse, que conferisse à



2º Simpósio Villa-Lobos Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos

São Paulo, 23 a 25 de novembro de 2012
ECA/USP

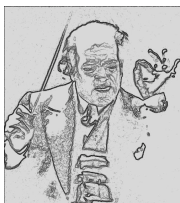
obra uma respiração profunda, conectada a um grande arco de concepção, tão brutal era a conseqüência que isso tudo tinha para mim enquanto intérprete.

Eu estava de frente para as partes maiores da missa, o Gloria e o Credo, e buscava entender porque o Gloria apresentava 16 novas ideias em 200 compassos, relação que se adensa no Credo, com 23 novas ideias em 232 compassos. Há uma variação importante na densidade, compreendida como quantidade de informação nova por tempo decorrido. Há uma contração na densidade do Glória para o Credo. Vejo, a partir desses dados, uma intencionalidade direcional de aumento da densidade através da apresentação de novas ideias. Como disse, creio que cada uma delas tem força para suportar uma sinfonia, e daí resulta uma densidade psicológica também enorme, sem tempo para a memória. Como se fossem muitos rostos passando na multidão das ruas do Rio de Janeiro de então. Mais uma hipótese interpretativa? Tal hipótese, quase fílmica, pode passar por outras imagéticas próximas: uma viagem no bondinho de Santa Thereza?

Mas e se, em vez de imagens visuais, pensando no contexto de uma vida mergulhada no canto orfeônico; escrevendo obras pedagógicas e arranjos para uso em sala de aula e nos orfeões; considerando mesmo que a Missa foi escrita para o Orfeão dos Professores: não se seria o caso de se pensar em ecos de memória ou de ideias de sua reconhecidamente fértil imaginação, como se fora uma parada de coros, um encontro de coros?

Uma penúltima hipótese: quem sabe trata-se de uma sucessão de obras muito curtas, como os epigramas matinais de Lorenzo Fernández, outro freqüentador da imaginação educativa, seu parceiro no campo do canto Orfeônico e amigo dileto?

Certa tarde, ainda, em um concerto de música de câmara interpretado por músicos da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, ouvi uma bonita, madura e bem construída versão do *Quinteto para sopros* de Villa-Lobos. Durante o concerto fui ficando inquieto, a *Missa São Sebastião* começou a se imiscuir em meu pensamento, e eu comecei a ouvir ambas as obras ao mesmo tempo. Uma ao vivo e a outra internamente. No começo fiquei irritado, queria escutar o ótimo concerto que estava sendo apresentado. Mas a Missa se impôs e de repente eu compreendi o que estava se passando: havia algum elemento coincidente no esquema formal *do Quinteto de*



2º Simpósio Villa-Lobos Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos

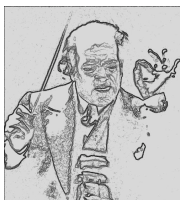
São Paulo, 23 a 25 de novembro de 2012
ECA/USP

sopros e da *Missa*. Percebi então que ambas as obras estavam construídas como rapsódias. Eu não devia buscar elementos unificadores do discurso, devia buscar o discurso enquanto forma. Então tempos se definiram com maior liberdade, as respirações, os pontos de parada entre as semi-partes, especialmente no *Glória* e no *Credo*, que apresentavam os maiores desafios. Tudo foi ganhando sentido e cheguei, naquele tempo, finalmente, a uma concepção da obra que me convencia. Que rapsódia estava sendo contada? A da vida de São Sebastião, anunciada no início de cada parte da missa como virtuoso, soldado romano, defensor da igreja, Mártir, Santo e protetor do Brasil? Seriam esses recitativos propostos por Villa-Lobos para preceder as seis partes da missa quando cantada como oratório (fora do serviço do culto), espécie de chave léxica para compreensão da obra? Ou a rapsódia é a da própria cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em seu processo de desenvolvimento e crescimento? Talvez a própria vida de Villa-Lobos contada pelo rapsodo Villa-Lobos?

Esse conjunto de hipóteses, possíveis ao intérprete em seu métier, tem em comum unirem perguntas possíveis a respostas possíveis. Todas são hipóteses do movimento dos fragmentos.

De qualquer forma, posso dizer que o trabalho investigativo musicológico que eu e Susana fizemos, somado ao esmiuçar da obra, análises harmônicas, fraseológicas (muitas vezes a frase musical se desentende com a divisão do compasso), busca de relacionamentos convincentes entre texto e música(seja no âmbito dos significados, seja na colocação do texto na música, nitidamente forçada em muitos trechos, criando inclusive problemas de vocalidade), identificação dos conflitos passo a passo, tudo somado, acabou me conduzindo a uma pergunta certa do ponto de vista do intérprete: o que faz a obra respirar? O que lhe dará vida no palco? Sem alguma idéia convincente sobre o arco integrador da obra eu provavelmente teria feito uma leitura aborrecida, retalhada, talvez apenas corretamente solfejada.

O que retiro daí é que se a vertente analítica mais metódica se faz necessária, uma vertente sintetizante mais intuitiva também se faz. Acredito que, embora qualquer uma das duas possa conduzir um intérprete a uma boa concepção, o que acontece de fato é que a maior parte do tempo e das vezes elas são complementares. Conceber interpretativamente uma obra é pensar do menor elemento às estruturas mais gerais



2º Simpósio Villa-Lobos Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos

São Paulo, 23 a 25 de novembro de 2012
ECA/USP

sem perder o sentido do todo nem do detalhe. E então a concepção da obra chega através de uma compreensão global.

Como disse, não há um guia ou um método para ao caminho da intuição em análise musical. Mas, no meu caso, às vezes eu consigo abrir uma porta voluntariamente, deixando o pensamento divagar, criar uma espécie de olhar divergente, provavelmente fazendo outra coisa que não música. Enquanto isso eu chamo a pergunta que estou me fazendo de modo apenas lateral, como que ligeiramente desinteressado. Muitas vezes dá certo. Memória e intuição entram em trabalho em separado, como que em uma espécie de pensamento polifônico, as vozes caminham em paralelo e independentes, e a síntese se realiza.

Referências Bibliográficas

- IGAYARA, Susana Cecília. **“Missa de Réquiem” (1925) de Henrique Oswald: a divulgação da obra, o problema estrutural e os andamentos da música sacra.** In: Castro, Marcos Câmara; Ricciardi, Rubens Russomano (orgs). *Anais dos Encontros de Musicologia de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Funpec, 2009, pp.188-208.
- VILLA-LOBOS, Heitor. **Missa São Sebastião.** Partitura. Brasil: Irmãos Vitale Editores, 1979.
- VILLA-LOBOS, Heitor. **Villa-Lobos.** Compact Disc. Corydon Singers. Matthew Best, conductor. London: Hyperion, 1993.
- VILLA-LOBOS, Heitor. **Missa São Sebastião.** Long Play. Associação Coral do Rio de Janeiro, Cleofe Person de Mattos, regente. Rio de Janeiro: MEC / Museu Villa-Lobos, 1978.